

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO NO ÂMBITO DA PESQUISA QUALITATIVA

ALVÂNTARA, Anelise Montañes – IESPP
liumontanes@hotmail.com

VESCE, Gabriela Eyng Possolli – UP
gabiepossolli@hotmail.com

Área Temática: Educação: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo propõe-se a discutir as Representações Sociais e o uso do Discurso do Sujeito Coletivo dentro do contexto da Pesquisa Qualitativa. Em um primeiro momento, o trabalho faz uma explanação acerca da Pesquisa Qualitativa, expondo alguns pontos essenciais dessa abordagem de pesquisa. São exploradas as suas diferenças frente à pesquisa quantitativa, mostrando também o aspecto de complementaridade entre estes dois tipos de pesquisa. São apresentadas as fases da Pesquisa Qualitativa, bem como os aspectos relevantes das abordagens feitas pelo pesquisador aos pesquisados e a questão do tamanho das amostras utilizadas. Em um segundo momento, é discutido o conceito de Representações Sociais. As Representações Sociais são compreendidas como um conhecimento elaborado e compartilhado numa coletividade que contribui individualmente nas suas inter-relações. É apresentada a sua origem, e também as diferentes interpretações e utilizações provenientes de alguns autores desde a sua criação. O trabalho mostra o poder das Representações Sociais na compreensão da realidade por parte de um grupo social, e as interações entre esta e a compreensão individual dos fenômenos sociais. Em seguida, é apresentado o Discurso do Sujeito Coletivo. Esta técnica tem como objetivo a síntese de depoimentos, e procura revelar as opiniões, significados e posicionamentos dos sujeitos com mais nitidez sobre um determinado tema. O Discurso do Sujeito Coletivo busca revelar a Representação Social de um grupo sobre assuntos que estão imersos na coletividade e podem ser captados pelos discursos individuais. Finalmente, é discutida a aplicabilidade das Representações Sociais e do Discurso do Sujeito Coletivo na produção de Pesquisas Qualitativas, e como a utilização destas técnicas pode auxiliar na captura do pensamento de um grupo e seus componentes, e na interpretação do caráter dinâmico da relação entre indivíduo e coletividade.

Palavras-Chave: representação social; Análise do discurso; Sujeito coletivo; Pesquisa qualitativa.

Introdução

O pesquisador, enquanto sujeito que se debruça sobre um problema que a realidade apresenta, precisa desenvolver a capacidade de defender sua posição e suas opções metodológicas de pesquisa. Precisa saber da existência de variadas lógicas e procedimentos

de ação em pesquisa e ter clara a importância de manter-se coeso dentro das características de cada uma das abordagens possíveis. Nesse sentido, é relevante que o pesquisador consiga deixar explícito no relato de pesquisa qual foi a sua opção metodológica e quais foram os procedimentos desenvolvidos na construção da investigação.

A classificação das abordagens de pesquisa em qualitativas e quantitativas refere-se à maneira como o problema de pesquisa é abordado. Muitas pesquisas já foram realizadas nesse âmbito e sabe-se, segundo a opinião de diversos autores, que a dicotomia entre qualitativo e quantitativo, como se o método qualitativo fosse mais adequado que o quantitativo, não cabe mais no campo de pesquisas acadêmico-científicas. Existem inúmeros exemplos de pesquisas respeitadas pela comunidade científica que adotam uma abordagem híbrida em que dados quantitativos são analisados juntamente com informações de caráter qualitativo.

Partindo-se desse entendimento que não exclui a importância dos dados quantitativos, o presente artigo propõe-se a dissertar sobre a pesquisa de abordagem qualitativa e suas relações com as Representações Sociais como fruto do Discurso do Sujeito Coletivo.

As Contribuições da Pesquisa de Abordagem Qualitativa

Uma pesquisa de abordagem qualitativa pode ser entendida, em linhas gerais, como uma pesquisa em que se procura compreender um determinado fenômeno em profundidade. Não trabalha com estatísticas e regras rígidas, mas realiza descrições, análises e interpretações de caráter subjetivo. Dessa forma, a Pesquisa Qualitativa caracteriza-se por ser mais participativa e menos controlável, já que os elementos participantes podem orientar os caminhos da pesquisa mediante suas interações com o pesquisador.

Dentre as características básicas das Pesquisas Qualitativas apresentadas tem-se: 1) O investigador é o instrumento principal; 2) Tende a ser mais descritiva; 3) Existe mais interesse pelo processo do que pelos resultados ou produtos; 4) os investigadores qualitativos tendem a analisar seus dados de forma indutiva; e 5) o significado dos fenômenos estudados é de importância primordial (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

As abordagens qualitativas e quantitativas podem ser complementares, e não opostas como se possa imaginar, e em alguns estudos uma abordagem mista é desejável. Por exemplo, é possível apresentar estatísticas descritivas e conjuntamente interpretar discursos sobre um determinado tema. A esse tipo de opção metodológica costuma-se utilizar a denominação de “triangulação metodológica” (SILVA, 1998, p.167).

As fases da Pesquisa Qualitativa são estruturalmente as mesmas da quantitativa, e podem ser delineadas e desenvolvidas a partir de diversas vertentes paradigmáticas selecionadas pelo pesquisador. As etapas e tarefas para a realização de uma Pesquisa Qualitativa podem ser representadas da seguinte maneira:

Quadro 1 – Seqüência de etapas e tarefas na realização de Pesquisa Qualitativa

<p>1 - Fase de reflexão</p> <p>1.1 - Identificação de tema e questões a serem investigadas.</p> <p>1.2 - Identificação de perspectivas paradigmáticas.</p> <p>2 - Fase de Planejamento</p> <p>2.1 - Seleção de um contexto.</p> <p>2.2 - Seleção de uma estratégia (incluída aqui a possibilidade de triangulação metodológica com estratégias quantitativas e qualitativas).</p> <p>2.3 - Preparação do investigador.</p> <p>2.4 - Redação do projeto.</p> <p>3 - Fase de entrada em campo</p> <p>3.1 - Seleção de informantes ou casos.</p> <p>3.2 - Realização das primeiras entrevistas ou observações.</p> <p>4 - Fase de coleta produtiva e análise preliminar de dados</p> <p>5 - Fase de saída de campo e análise intensa de dados</p> <p>6 - Fase de redação dos resultados</p>
--

Fonte: Elaborado com base em Valles (1997).

A investigação qualitativa trabalha com opiniões, representações, posicionamentos, crenças e atitudes, possuindo procedimentos de cunho racional e intuitivo para a melhor compreensão da complexidade dos fenômenos individuais e coletivos. Portanto, se caracteriza como uma abordagem de alto grau de complexidade, na medida em que aprofunda as interpretações e decifra seus significados. Embora existam diferenças entre os enfoques qualitativo e quantitativo, não é correto dizer que mantêm relação de oposição ou se contradizem (PAULILO, 2008).

Para a prática de uma Pesquisa Qualitativa, o pesquisador envolve-se profundamente com a vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa, compreendendo um problema a partir da visão, vivências, aflições, desejos, anseios e sentimentos destes sujeitos. Esse tipo de pesquisa possui métodos que requerem uma interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, sendo algumas vezes necessário que o pesquisador conquiste a aceitação e a confiança dos participantes (LEOPARDI, 2001).

Na pesquisa de abordagem qualitativa, o tamanho da amostra não precisa necessariamente ser elevado. Em geral, quando os dados tornam-se significativamente repetitivos, pode-se considerar a amostra suficiente. Esta decisão deve ser tomada com base na percepção do próprio pesquisador (LEOPARDI, 2001).

A subjetividade e o simbolismo permeiam o contexto social, tornando-se essencial a análise cuidadosa destes para a realização da Pesquisa Qualitativa. A partir desta abordagem, obtém-se uma melhor compreensão dos motivos e intenções que geram as ações. Portanto, pesquisas que propõem um caráter interpretativo devem ser realizadas com grande atenção a estes fatores. Entre as características deste tipo de pesquisa, encontram-se as mencionadas por Chizzotti (1991): 1) envolvimento do pesquisador no contexto da pesquisa; 2) consideração das emoções e sentimentos; 3) consideração dos agentes sociais como sujeitos que constroem saberes e práticas; 4) resultados diretamente influenciados pela dinâmica na interação entre pesquisador e pesquisados; 5) igualdade na importância dada aos fenômenos, mesmo quando antagônicos, como frequência e interrupção, fala e silêncio, revelações e ocultamentos, continuidade e ruptura.

Além dos aspectos abordados, é importante nesse tipo de pesquisa a postura de manter-se flexível frente a possíveis descobertas inesperadas que podem surgir durante investigações mais profundas sobre temas específicos. São utilizados símbolos lingüísticos, com destaque para as metáforas, conceitos e descrições. Existe a orientação de se considerar o contexto social no qual a pesquisa ocorre, delimitando-se o problema e havendo liberdade para mudar a hipótese da pesquisa e a linha de interpretação a qualquer momento conforme os indicadores que a realidade pesquisada revelar.

Contextualizando o Conceito de Representação Social

O conceito de Representação Social é amplamente difundido por meio das idéias de Moscovici. Em 1961, Moscovici publicou um trabalho sobre a Representação Social da psicanálise a partir de uma perspectiva integradora, que se preocupava principalmente em compreender o processo de construção de teorias do senso comum por meio da difusão das teorias científicas.

Moscovici entende as Representações Sociais como um campo de conhecimento específico que tem por função a construção de condutas comportamentais, e estabelece a comunicação entre sujeitos em um grupo social produtor de interações interpessoais (MOSCOVICI, 1978). As Representações Sociais constituem formas de conhecimento

que são elaboradas e compartilhadas socialmente e favorecem a produção de uma realidade comum, viabilizando a compreensão e a comunicação dos indivíduos com o mundo. Ou seja, conjuntos de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados a partir de uma visão prática, possibilitando a formação de um contexto comum a um grupo social (JODELET, 1989).

Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos, e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, apud OLIVEIRA, 2007, p.387).

Ao referir-se às Representações Sociais como uma “versão contemporânea do senso comum”, Moscovici não quis com isso relegar o conhecimento de senso comum a um plano de conhecimentos menos confiáveis e de menor valor, mas percebê-lo como um conhecimento genuíno que tem o poder de levar a cabo as mudanças sociais.

Trata-se de um campo de conhecimento multidisciplinar, que é entendido por muitos teóricos como uma interface entre sociologia e psicologia social. Para além dessas duas áreas, por estabelecer relações entre fenômenos individuais e coletivos, a Representação Social tem a vocação de ser um campo de interesse de todas as ciências humanas. Uma vez que as Representações Sociais articulam elementos mentais, sociais e afetivos, vinculando a cognição, a comunicação e a linguagem com as relações sociais que intervêm nestas representações, não podem ser entendidas como pertencentes a uma área particular do conhecimento humano (JODELET, 1989).

O conceito de Representação Social, segundo muitos autores, origina-se da teoria das Representações Coletivas de Durkheim, segundo a qual a sociedade tem poder coercitivo sobre as consciências dos sujeitos, expressando a prevalência do social sobre o individual. Nas palavras de Durkheim (2003, p. 5), “somos então vítimas de uma ilusão que nos faz crê que elaboramos, nós mesmos, o que se impôs a nós de fora”. Segundo Herzlich (1991), citado por Teixeira (1999), a posição de Durkheim reduz a autonomia dos sujeitos, tornando-os passivos diante das formas coletivas de pensar construídas. Já para Moscovici, o significado de representação é introduzido enfatizando o sujeito como ativo e construtor, ampliando a capacidade explicativa do conceito. Nesse sentido Moscovici defende que:

Nos dois mundos, o da experiência individual, todos os comportamentos e todas as percepções são compreendidas como resultantes de processos íntimos, às vezes de natureza fisiológica. No outro mundo, o dos grupos, o das relações entre pessoas, tudo é explicado em função de interações, de estruturas, de trocas de poder. Esses dois pontos de vista são claramente errôneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social (MOSCOVICI, 1994, apud TEIXEIRA, 1999, p. 37).

A experiência individual é construída pelo sujeito em sua interação com a realidade social, do mesmo modo que a realidade social constitui-se da multiplicidade de experiências individuais. Sendo assim, a Representação Social situa-se na relação entre o universal e o particular, não podendo estar localizada em nenhum desses dois pólos, mas se constrói nas relações interpessoais, e é por meio dessas relações que o indivíduo pode reconstruir significados e estabelecer novas relações. Sob esse aspecto, Jovchelivitch (1995) estabelece a relação entre mediações sociais e Representações Sociais ao afirmar que:

São as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais... elas são estratégias desenvolvidas por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transforma cada um individualmente... enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo (JOVCHELIVITCH, 1995, p.81).

A partir destes conceitos, pode-se perceber o caráter dinâmico das Representações Sociais, e também o seu grande potencial para criar e transformar a realidade social em que estão inseridas. Com base no pensamento de Garcia (1993) as Representações Sociais são compostas por três elementos básicos, que estão em constante interação e transformação: o **conteúdo**, que diz respeito às imagens, informações, opiniões e atitudes; o **objeto**, que se refere a uma pessoa, ação ou fato; o **sujeito**, que remete ao indivíduo, à família ou ao grupo social. Dessa forma a Representação Social dará conta de como um sujeito ou grupo de sujeitos representa ou compreende um objeto, e o conteúdo é a maneira ou a visão que esse sujeito tem do objeto em questão.

As Representações Sociais estão vinculadas a valores, noções e práticas individuais que orientam as condutas no cotidiano das relações sociais e manifestam-se por meio de estereótipos, sentimentos, atitudes, palavras, frases e expressões. É um conhecimento do “senso comum”, socialmente construído e partilhado, diferente do conhecimento científico,

que é reificado e fundamentalmente cognitivo. Tais representações envolvem a participação dos indivíduos na sociedade em que estão inseridos e também a absorção e interpretação pessoal dos conceitos e idéias enraizados no âmbito social, que são transmitidos pela comunicação entre os membros do grupo (OLIVEIRA, 2006).

Sendo assim, a compreensão das Representações Sociais pode ser entendida como a linguagem do senso comum, tomado como um campo de conhecimento e de interação social. Particularmente quando se trata da comunicação da vida cotidiana, as palavras são fundamentais. Elas são dotadas de ideologia e estão envoltas por tramas e relações sociais em todos os domínios e áreas do conhecimento (MINAYO, 2007).

Nesse sentido, Minayo ao referir-se à palavra enquanto prática discursiva aponta que “a palavra é, ao mesmo tempo, uma produção histórica e arena onde se confrontam interesses contraditórios, servindo ao mesmo tempo como instrumento e como material de compreensão da realidade” (2007, p. 238).

Uma vez que as Representações Sociais se originam no contexto das comunicações sociais, necessariamente têm um caráter dinâmico. Porém, um estudo mais cuidadoso das representações mostra que elas são compostas não apenas de conteúdos dinâmicos, mas também de alguns conteúdos mais estáticos que se referem aos conhecimentos historicamente sistematizados. Portanto, as Representações Sociais apresentam não apenas o aspecto múltiplo e diverso que representam os seus sujeitos, mas também os componentes já estabelecidos e permanentes na cultura deste meio social.

Os contextos sociais nos quais as representações se baseiam, podem ter um curto ou longo alcance histórico. Todas as amplitudes deste alcance histórico são importantes na Representação Social, embora exerçam papéis bastante distintos. Os contextos com maior alcance histórico possuem um caráter mais estático, sendo denominados de imaginário social. Assim, compõem de certa maneira a cultura daquele grupo social, suas crenças, comportamentos e padrões firmemente estabelecidos (SPINK, 1993).

Por outro lado, os contextos mais recentes são igualmente importantes na dinâmica das Representações Sociais, pois a novidade é responsável pelas mudanças e fomentam este dinamismo e ajudam na compreensão da pluralidade dos sujeitos sociais. Nota-se então que embora as Representações Sociais tenham primordialmente um caráter dinâmico, são simultaneamente estruturas estáticas, mesmo que isso pareça algo

contraditório. Da mesma forma são rígidas e flexíveis, consensuais e também marcadas por fortes traços individuais (CARVALHO, 2005).

Discurso do Sujeito Coletivo

O Discurso do Sujeito Coletivo possui seus fundamentos teóricos nas Representações Sociais, permitindo acesso direto e indireto a estas. O uso do Discurso do Sujeito Coletivo está sendo amplamente difundido em pesquisas científicas, trazendo uma mudança significativa na qualidade e na eficiência, revelando em detalhes as representações, as crenças, os valores e as opiniões a respeito de um tema específico.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma técnica metodológica que permite o resgate de discursos coletivos de forma qualitativa. Como procedimento nas pesquisas do Discurso do Sujeito Coletivo são feitas entrevistas individuais com questões abertas, resgatando o pensamento, enquanto comportamento discursivo e fato social internalizado individualmente, podendo ser divulgado, preservando a sua característica qualitativa (LEFEVRE, 2005).

Por outro lado, o Discurso do Sujeito Coletivo também pode utilizar um aspecto quantitativo, já que cada depoimento origina-se de um determinado sujeito. Para exploração desta faceta do Discurso do Sujeito Coletivo foram desenvolvidas técnicas específicas e até mesmo ferramentas computacionais de tabulação, que quantificam os dados e segmentam resultados, mesmo em amostras grandes (LEFEVRE, 2006). A intenção do presente artigo não é aprofundar questões relacionadas com a pesquisa quantitativa, e sim trabalhar mais detalhadamente com a Pesquisa Qualitativa. Porém, é importante ressaltar que existem pesquisas que abrangem o aspecto quantitativo no Discurso do Sujeito Coletivo e que essas abordagens não se excluem ou se contrapõem, mas que são complementares.

Os passos a serem seguidos na produção do Discurso do Sujeito Coletivo são chamados de operadores, sendo eles: Expressões Chave; Idéias Centrais; Ancoragens; e o Discurso do Sujeito Coletivo em si.

As Expressões Chave são trechos do discurso que devem ser destacados pelo pesquisador em cada depoimento, e que revelam a essência do conteúdo do discurso. As Idéias Centrais descrevem da maneira mais sintética e precisa os sentidos presentes nas Expressões Chave e também no conjunto de discursos de diferentes sujeitos, que possuem semelhança de sentido, possuindo uma função discriminadora e classificatória e permitindo identificar e distinguir os vários sentidos ou posicionamentos contidos nos depoimentos. Já as

Ancoragens são expressões sintéticas que descrevem as ideologias, os valores e as crenças presentes nos depoimentos individuais ou agrupados, configurados como afirmações genéricas enquadradas em circunstâncias particulares. Na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo considera-se a existência das Ancoragens apenas quando existem marcas explícitas das afirmações genéricas nos depoimentos.

O Discurso do Sujeito Coletivo engloba depoimentos sintetizados e analisados, redigidos na primeira pessoa do singular e expressando o pensamento coletivo por meio do discurso dos sujeitos. Dessa forma, ao se colher vários depoimentos percebem-se elementos comuns que delineiam o discurso coletivo, que são as Representações Sociais que caracterizam um determinado grupo. Os discursos contêm o conjunto das Expressões Chave dos depoimentos, que possuem Idéias Centrais e/ou Ancoragens com características semelhantes. Esta técnica busca expressar uma determinada opinião ou posicionamento sobre um tema, levando em consideração o aspecto social e cultural.

Uma pesquisa que pretende desenvolver a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo faz uma investigação de opinião acerca de um tema, fracionado em questões abertas, focado em uma determinada população, sendo que cada uma das questões produz um número diferenciado de opiniões e posicionamentos, ou seja, de diferentes Discursos de Sujeitos Coletivos. Estes Discursos de Sujeitos Coletivos tabulam e organizam opiniões e posicionamentos diversos, resolvendo esse desafio da Pesquisa Qualitativa (LEFEVRE, 2005).

Quando se deseja ter como resultado final as Representações Sociais ou opiniões de grupos sociais, tendo como coleta de informações questões abertas, é necessário fazer a soma desses depoimentos obtendo desta soma o pensamento generalizado. A fim de solucionar este desafio, foi criada a chamada “categorização de respostas”, que tem o papel de analisar as respostas dadas e atribuir um sentido a elas, reunindo as respostas de mesmo sentido. Desta maneira a categorização seria a expressão da soma dos depoimentos, sendo cada depoimento incluído na categoria semelhante em relação ao conteúdo, e todos os conteúdos dentro de uma categoria tornam-se idênticos. Os Discursos de Sujeitos Coletivos não anulam os conteúdos dos depoimentos, já que o objetivo não é somente desenvolver uma soma matemática, mas também um discurso coletivo que gere um posicionamento, e um sentido onde a opinião individual de cada depoimento esteja garantida e preservada.

No Discurso do Sujeito Coletivo, dentro de uma única categoria, vários conteúdos e argumentos que compõem uma mesma opinião ou um mesmo posicionamento são compartilhados com um conjunto de pessoas. Estes distintos conteúdos e argumentos podem ser mantidos em conjunto num discurso porque este remete a praticamente uma única idéia ou opinião.

Indo de encontro com a Teoria da Representação Social, os sujeitos vivem num grupo social ou numa sociedade pensando com base em uma reunião de Representações Sociais, mas não deixam de interagir com conteúdos e opiniões distintas nestes pensamentos compartilhados. Sendo assim, o Discurso do Sujeito Coletivo respeita o comum e o diferente, ou seja, posicionamentos emitidos de maneira diferente, podem ser complementares.

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas Representações Sociais, fazendo com que uma idéia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado (LEFEVRE, 2008).

Este mesmo conteúdo “encorpado” intensifica as Representações Sociais, já que viabiliza, metodologicamente, o alcance a elas, revelando de uma maneira mais nítida sua capacidade de comunicação e de impacto nos receptores (LEFEVRE, 2002).

Com a representação melhor detalhada e mais justificada, torna-se mais fácil compreender o que os sujeitos pensam sobre um determinado assunto. A representação não é completamente o que os sujeitos pensam num todo, mas o signo ou o discurso verbal e também a narrativa do que as pessoas pensam. A representação mais ricamente descrita torna mais visível e aparente a opinião sobre seu objeto.

O Discurso do Sujeito Coletivo viabiliza o surgimento de novas possibilidades de interação, no que se refere às Representações Sociais como objeto de pesquisa empírica, entre particular e coletivo, teórico e empírico, síntese e análise, qualitativo e quantitativo. Desta forma, justifica-se a inclusão do Discurso do Sujeito Coletivo no conjunto de reflexões e abordagens destinadas a atender temáticas complexas nas mais variadas áreas do conhecimento (LEFEVRE, 2008).

O entendimento do conceito de complexidade não está relacionado à soma de partes, mas na inter-relação que ocorre entre múltiplos aspectos de uma realidade. Esta premissa

nutre as pesquisas que se referem à reflexão sobre os aspectos culturais e sociais, numa relação com o individual e o coletivo. É necessário reconhecer que a simplificação muitas vezes é prejudicial em pesquisas dessa natureza por acarretar a perda de parte dos significados, uma vez que a complexidade deve ser compreendida a partir de vários ângulos de análise. Desta maneira, o conceito de complexidade associa-se à dificuldade na explicação dos discursos presentes nos depoimentos, no que se refere à interligação entre eles.

A proposta do Discurso do Sujeito Coletivo como uma técnica de Pesquisa Qualitativa contribui na construção de instrumentos relevantes para resgatar dimensões significativas das Representações Sociais presentes na sociedade e na cultura de um universo pesquisado.

Considerações Finais

Resgatando as contribuições de Minayo (2007) sobre as Teorias das Representações Sociais é fundamental para a prática da Pesquisa Qualitativa, tanto na coleta dos depoimentos durante as entrevistas, como nas observações de campo. Desta maneira Minayo afirma que:

As Representações Sociais manifestam-se em falas, atitudes e condutas que se institucionalizam e se rotinizam, portanto podem e devem ser analisadas. Mesmo sabendo que o senso comum traduz um pensamento fragmentário e se limita a certos aspectos da experiência existencial frequentemente contraditória, ele possui graus diversos de clareza e nitidez em relação à realidade (2007, p.236).

Os sujeitos sociais interagem de acordo com o senso comum ao grupo. Cada sujeito interpreta a realidade à sua maneira, mas constrói a sua vida naquela sociedade sob grande influência do conhecimento consensual. O senso comum é ao mesmo tempo transformador e resistente à mudança, e estes dois aspectos paradoxais são sistemas empíricos e observáveis (MINAYO, 2007). Sendo assim, as Representações Sociais têm o poder de desvendar a natureza contraditória da organização e seus sujeitos.

As representações podem ser consideradas instrumentos centrais para análise do social e também para o campo político e pedagógico de transformação, pois de certa forma retratam a realidade. Não podem ser tomadas como verdades científicas absolutas, diminuindo a análise de um processo ou fato social à concepção que os sujeitos sociais fazem dele.

Percebe-se que as Representações Sociais apresentam grande correlação com a Pesquisa Qualitativa. Ambas são permeadas pela subjetividade, e permitem apreender mais

profundamente os seus respectivos objetos de estudo. Nesse sentido, a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo relaciona-se intrinsecamente com as Representações Sociais e com a abordagem qualitativa, fortalecendo essa opção de pesquisa, uma vez que o Discurso do Sujeito Coletivo é desenvolvido a partir das informações coletadas verbalmente e resgatando o sentido das opiniões coletivas, resultando em uma coleção de discursos coletivos.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal, Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Maria Cleide Ribeiro Dantas de; JUNIOR, Horácio Accioly; RAFFIN, Fernanda Nervo; (et al.) Representações sociais do medicamento genérico por farmacêuticos: determinação dos sistemas central e periférico. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan/fev, 2005. p. 226- 234.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GARCIA, R W. D. **Representações sociais da comida no meio urbano**: um estudo no centro da cidade de São Paulo. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1993.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em Representações Sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

LEFEVRE, Fernando; MARQUES, Maria C. da Costa; LEFEVRE, Ana Maria C. **Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto organização**. Disponível em: http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=622. Acesso em: 14 de agosto de 2008.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria C. O sujeito coletivo que fala. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v. 10, n.20, jul/dez, 2006. p.517-524.

LEFEVRE, Fernando; MARQUES, Maria C. da Costa; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; (et.al.). Representação social da Vigilância Sanitária pela população do município de Águas de Lindóia: análise da percepção de alguns riscos relevantes. **Revisa**, v. 1, n. 1, 2005. p. 22-30.

LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; LEFEVRE, Fernando; CARDOSO, Maria rosa Logiodice; (et al.). Assistência pública à saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. **Saúde e Sociedade**, v.11, n.2, 2002. p. 35-47.

LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da Pesquisa na Saúde**. Santa Maria: Palloti, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Jane F. de; PAIVA, Mirian Santos; VALENTE, Camila L. M. Representações Sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**. ABRASCO. v.11, n.2, abril/junho, 2006. p.473-481.

OLIVEIRA, José Rodrigo de; BRÊTAS, José Roberto da Silva; YAMAGUTI, Lie. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Revista Enfermagem**. USP, 2007. p.386-394.

PAULILO, M. A. S. **A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida**. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 14 de agosto de 2008.

SILVA, Rosalina Carvalho da. A Falsa Dicotomia Qualitativo-Quantitativo: Paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M. **Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa**. Ribeirão Preto: Editora Legis-Summa, 1998. p.159-174.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, jul/set, 1993. p. 300-308.

TEIXEIRA, Eliane Tavares Natividade. **Adiamento da maternidade: do sonho à maternagem**. Dissertação apresentada à Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 1999.

VALLES, M.S. **Técnicas cualitativas de investigacion social**: Reflexion metodológica y práctica profesional. Madrid: Ed. Sintesis Sociología, 1997.